



## À margem de uma comemoração: considerações sobre a Teologia da Libertação no seu quarentenário

On the sidelines of a celebration: considerations on Liberation Theology on its fortieth anniversary

Sinivaldo Silva Tavares \*

### Resumo

O autor propõe algumas considerações sobre a TdL na celebração de seus 40 anos de existência. Num primeiro momento, ele destaca três características que justificam a pretensão avançada pela TdL latino-americana de se apresentar como “uma nova maneira de fazer teologia”: 1) nova relação para com a práxis; 2) nova perspectiva a partir da qual discernir os desafios postos pela práxis; 3) nova metodologia capaz de unir espiritualidade e método teológico. Num segundo momento, a TdL é reconhecida e apresentada como uma autêntica *theologia crucis*. Isto significa que a cruz de Jesus é acolhida pela TdL em um tríplice modo: eixo gnosiológico, princípio epistemológico e critério formal. Por fim, o autor salienta o círculo virtuoso testemunhado pela TdL entre o local e o global. Epistemologicamente, a TdL é *materialmente* global e *formalmente* particular. Historicamente, ao longo de seus quarenta anos, a TdL tem se revelado como uma verdadeira *teologia glocal*, testemunhando um relação circular entre particular e universal.

**Palavras-chave:** Teologia da Libertação. Práxis. *Theologia crucis*. Epistemologia teológica. Teologia glocal.

### Abstract

The author proposes some considerations about Liberation Theology in celebration of its 40 years of existence. At first, he highlights three features that justify the claim put forth by Latin-American Liberation Theology of presenting itself as “a new way of doing theology”: 1) new relationship vis-à-vis the Praxis; 2) new perspective from which we can discern the challenges posed by the Praxis; 3) new methodology able to unite spirituality and theological method. In a second moment, Liberation Theology is recognized and presented as an authentic *theologia crucis*. This means that the cross of Jesus is accepted by Liberation Theology in a threefold manner: agnostical axis, epistemological principle and formal criteria. Finally, the author stresses the virtuous circle witnessed by Liberation Theology between the local and the global. Epistemologically, Liberation Theology is *materially* global and *formally* private. Historically, throughout its forty years, Liberation Theology has been revealed as a true “*glocal*” *theology*, witnessing a circular relationship between the particular and the universal.

**Keywords:** Theology of Liberation. Praxis. *Theologia crucis*. Theological epistemology. “Glocal” (global + local) theology.

---

Artigo recebido em 24 de outubro de 2013 e aprovado em 09 de dezembro de 2013.

\* Doutor em Teologia. Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). País de origem: Brasil. E-mail: freisinivaldo@gmail.com.

## Introdução

A Teologia da Libertação (TdL)<sup>1</sup> latino-americana foi, com razão, reconhecida como “recepção criativa do Vaticano II na ótica dos pobres” (BOFF, 1984, p. 13-43). Esta afirmação revela a dupla relação constitutiva da TdL: com o Vaticano II e com o mundo dos pobres. A TdL nasce no contexto da efervescência eclesial provocada pelas interpelações teológico-pastorais do Concílio. Ela emerge, portanto, como a melhor floração daquela primavera eclesial inaugurada pelo Vaticano II. Todavia, a TdL não se limita simplesmente à aplicação do Vaticano II ao contexto latino-americano. Não nos encontramos diante de mera aplicação de princípios ou normativas gerais a uma situação particular. Trata-se, em última instância, de uma autêntica “re-interpretação” do Concílio a partir da desafiadora realidade do continente latino-americano. Este é precisamente o terreno onde as sementes mais fecundas do Vaticano II encontraram uma acolhida generosa e, de consequência, produziram seus melhores frutos.

A experiência fontal da TdL é, para todos os efeitos, o evento histórico – econômico, político, cultural e eclesial – da irrupção dos pobres. O pobre irrompe no cenário sócio-político e eclesial da América Latina como um apelo contundente. Essa irrupção é discernida e acolhida como autêntico “sinal dos tempos”, na esteira de uma das melhores intuições teológicas do Vaticano II. A inserção de uma parcela significativa de cristãos no “mundo dos pobres” torna-se ocasião propícia para a experiência de genuína conversão. Conversão compreendida como ruptura existencial e epistemológica: uma nova maneira de viver a fé que, por sua vez, produz uma inversão de perspectiva e, portanto, uma maneira alternativa de problematizar e discernir as questões que emergiam naquela específica situação. A esse propósito, Gutiérrez chama a atenção para a inversão de perspectiva verificada durante a Assembleia episcopal de Medellín: de “A Igreja na atual transformação

---

<sup>1</sup> De ora em diante, usaremos apenas a forma abreviada TdL.

da América Latina à luz do Concílio” para “A Igreja do Vaticano II à luz da realidade latino-americana” (GUTIÉRREZ, 1982, p. 256).

## **1 Teologia que ousa “beber de seu próprio poço”**

A TdL irrompe, na história do continente latino-americano, como primeira elaboração teológica autóctone, vale dizer, não mais atrelada de maneira subserviente aos grandes centros teológicos do exterior. Os próprios teólogos da libertação são unânimes em afirmar que a gênese da TdL se encontra em sua estreita relação com os movimentos – eclesial, sócio-político e cultural – surgidos na década de 60 do século passado, no continente latino-americano (TAVARES, 2008, p. 41-49).

A ousada decisão de “beber de seu próprio poço” não apenas deu origem a um discurso teológico sobre temas específicos oriundos de uma nova experiência eclesial; propiciou novo horizonte hermenêutico no interior do qual discerni-los, compreendê-los à luz do evangelho e de propor, enfim, eventuais práticas alternativas. Em suma, “uma nova maneira de fazer teologia”. E essa “novidade” se manifesta em um tríptico modo: 1) uma nova relação para com a práxis; 2) uma nova perspectiva a partir da qual discernir os desafios postos pela práxis; 3) uma nova metodologia capaz de unir espiritualidade e método teológico.

### **1.1 Teologia “a partir de/sobre a práxis histórica”**

Desde suas primeiras e incipientes formulações, a TdL latino-americana tem se caracterizado por uma peculiar relação para com a práxis eclesial e social dos cristãos. Merecem destaque duas conferências proferidas por G. Gutiérrez: a primeira em Montreal (Canadá) em 1967, sobre a pobreza do Terceiro Mundo, e a segunda em Chimbote (Peru) em julho de 1968, poucas semanas antes da abertura da Assembléia dos bispos em Medellín, sobre a realidade vivida na América Latina

como desafio para uma pastoral de promoção humana. O texto da segunda conferência, publicado no ano seguinte sob o título *Para una teología de la liberación*, significou uma verdadeira guinada para a teologia latino-americana, pois pela primeira vez e de modo explícito, se propunha uma “teologia da libertação” em alternativa à “teologia do desenvolvimento”. O próprio Gutiérrez é quem oferece um esclarecedor testemunho sobre o contexto de sua intervenção e sobre o alcance da mesma:

Para nós que tínhamos uma responsabilidade pastoral eram os anos em que nos interrogávamos sobre a presença do Evangelho e da Igreja nesta ebulição de idéias, de experiências, de correntes e buscávamos critérios de discernimento. Nessa situação se efetuou em Chimbote uma reunião de sacerdotes e leigos para tentar compreender aquilo que vivíamos em nosso país. Foi-me confiado o relatório teológico sobre um tema que era então muito discutido: a teologia do desenvolvimento. Ao preparar meu relatório compreendi que era mais bíblico e mais teológico falar de uma teologia da libertação, ao invés de uma teologia do desenvolvimento. Ou seja, teologia da libertação como teologia da salvação nas concretas situações históricas em que o Senhor nos oferece a graça da salvação (GUTIÉRREZ, 1986, p. 125-126).

No seu programático *Teología de la Liberación. Perspectivas*, Gutiérrez apresenta a TdL como uma “reflexão crítica da práxis histórica à luz da fé”. Razão pela qual ele concebia a teologia como “ato segundo” em face da vida e da experiência de fé, “ato primeiro” (GUTIÉRREZ, 1971, p. 34-35). Quer, portanto, o objeto da TdL seja a fé (no seio da história) ou antes a própria história (à luz da fé), em ambos os casos, a referência à práxis histórica é imprescindível para a constituição mesma da TdL.

Para salientar a peculiaridade da TdL enquanto teologia da práxis, Jon Sobrino introduz uma questão metodológica que nos parece esclarecedora (SOBRINO, 1976, p. 177-208). Ele distingue dois momentos no interior do Iluminismo: o primeiro se caracterizaria pela exigência da racionalidade crítica (Kant), o segundo pela exigência da práxis transformadora (Marx). A teologia europeia contemporânea teria se sensibilizado face às questões postas no interior do primeiro momento. Já a TdL se teria ocupado sobretudo da problemática

suscitada no bojo do segundo momento. A teologia européia responderia às questões postas pela Modernidade. Questões relativas ao sentido da existência e, portanto, circunscritas ao âmbito da subjetividade e da inter-subjetividade. De outro gênero é a proposta da TdL que pretende instaurar uma relação diversa para com a realidade através de um percurso peculiar: partindo da práxis e, passando pela teoria, volta novamente à práxis. As perguntas, portanto, que a TdL quer responder derivam da própria prática vivida dentro de um processo caracterizado pelo binômio opressão/libertação. E sua intenção última é a de se constituir em uma prática teórica teológica no interior do processo mais amplo de libertação sócio-política e econômica.

Esta peculiar relação para com a práxis histórica é levada às últimas conseqüências pela TdL quando essa mesma práxis passa a ser concebida como “lugar teológico”, com os desdobramentos epistemológicos e metodológicos que esta afirmação comporta. No plano metodológico, portanto, a TdL privilegia o presente em relação ao passado e dá mais importância à realidade histórica que propriamente aos textos. Precisamente aqui se encontraria, no dizer de Sobrino, o pressuposto epistemológico de base da TdL latino-americana: “Elevar a conceito teológico a realidade histórica tal como se vai manifestando em um processo, e não só desenvolver conceitualmente as virtualidades de um fato ou texto do passado” (SOBRINO, 1992, p. 50).

Isto não deve ser entendido naturalmente como uma espécie de exclusão do passado e menos ainda dos textos da Escritura. De resto, nem se poderia privilegiar o presente como sinal da irrupção do Deus cristão sem a referência ao passado e aos textos da Revelação. Tais textos permanecem como referenciais básicos e ainda como corretivos privilegiados de toda tentativa atual de perceber a presença interpeladora de Deus e de interpretar seus desígnios, além de constituir uma verdadeira e própria “reserva de totalidade” em face de toda e qualquer tentativa de atualização (SOBRINO, 1989, p. 143-144).

Nenhuma realidade pode ser compreendida se não se possuem de antemão conceitos prévios a ela, uma vez que todo acesso humano à realidade concreta se dá sempre dentro de um círculo hermenêutico. Por este motivo, Sobrino não se declara contrário à conceitualização da história e da experiência, nem defende uma teologia que seja mera narração da experiência e da realidade vividas. O que ele propõe é a elevação desta ao grau conceitual e não o contrário, a saber, a conceitualização de outro conceito já adquirido de antemão (SOBRINO, 1994, p. 51). Referindo-se a esta conceitualização da história e da experiência, ele fala de “peso do conceito” (SOBRINO, 1993, p. 102).

Como entender a afirmação do “mundo dos pobres” como lugar teológico em sua relação com os clássicos *loci theologici*, a saber, a Escritura, a tradição, o magistério, as sentenças teológicas, entendidos como “fontes” da teologia? O “mundo dos pobres”, portanto, não seria apenas lugar de compreensão dos dados transmitidos pela tradição através das fontes do conhecimento teológico, mas converter-se-ia em lugar no qual esses dados oferecem o melhor de si.

Não se pode afirmar, no entanto, que o mundo dos pobres seja lugar teológico no sentido tradicional dos *loci theologici*, mas no sentido que os pobres, como destinatários preferenciais, não exclusivos, do anúncio teológico, fazem parte do dinamismo desses *loci* (SCANNONE, 1997, p. 23).

Com precisão e rigor, Cl. Boff oferece uma singular contribuição ao processo de formulação da metodologia específica da TdL latino-americana. No seu clássico *Teologia e Prática. Teologia do político e suas mediações*, ele propõe e analisa as três dimensões constitutivas da TdL: a mediação socioanalítica, a mediação hermenêutica e a mediação prático-pastoral<sup>2</sup>. Referindo-se ao “mundo dos pobres”,

---

<sup>2</sup> Em sua tese doutoral, Clodovis Boff concebe a TdL como uma das “teologias do político”, uma “teologia do genitivo”, razão pela qual a considera uma espécie de “T2” à diferença de uma “T1”. Segundo ele a “T1” designaria teologias que tem por objeto material temas da teologia clássica: Deus, Cristo, Igreja, Graça, etc. A “T2” caracterizar-se-ia por uma teologia que, como todas as “teologias do político”, tenha por objeto material o âmbito do político com suas respectivas temáticas. A TdL latinoamericana, na qualidade de “T2”, ao elaborar o seu discurso deveria necessariamente ter atrás de si uma determinada “T1”. Em seu artigo “Retrato da Teologia da Libertação”, acerca do estatuto epistemológico da TdL latinoamericana, publicado em 1985, reconsiderando a posição precedentemente defendida de que a TdL seria uma “teologia do político”, Clodovis Boff afirma que “t1” e “T2”, ao invés de serem duas teologias distintas, são antes dois momentos distintos (“momento 1” e “momento 2”) e necessários do único processo teológico realizado pela TdL latinoamericana (BOFF, 1986, p. 263-271).

Cl. Boff o considera “lugar social” da TdL e, portanto, seu “ponto de partida metodológico”, uma vez que seu “ponto de partida real” seria a fé em Jesus Cristo, “perspectiva hermenêutica” da TdL<sup>3</sup>. A inserção no “mundo dos pobres”, por sua vez, propiciaria a assunção da ótica dos pobres como perspectiva própria e, portanto, “lugar epistêmico” da TdL, vale dizer, sua “precompreensão”.

## 1.2 Teologia “a partir do avesso da história”

À diferença de teologias que, ingênua ou intencionalmente, não revelam sua perspectiva epistemológica, apresentando-se como neutras e universais, a TdL assume-se enquanto discurso elaborado a partir de uma situação concreta e de suas respectivas indagações. Desde o seu nascedouro a TdL tem manifestado claramente a consciência de se constituir em discurso, para todos os efeitos, parcial: uma teologia que não tem pudor de se construir a partir dos pobres para libertá-los da condição à qual encontram-se submetidos injustamente.

Jon Sobrino fala de uma “hermenêutica praxica” como consequência da assunção da ótica dos pobres como “lugar epistêmico” da TdL. O “mundo dos pobres” não nos oferece apenas os itens de uma específica agenda teológica. Ele nos desafia a pensar e a raciocinar segundo critérios bem precisos. O interesse que guia o teólogo na leitura e na interpretação dos textos da Escritura deveria ultrapassar a simples dimensão explicativo-compreensiva para alcançar a dimensão praxica, condição para que se possa efetivar o sentido colhido na dimensão precedente. É necessária, em outros termos, a disponibilidade para “fazer” como abordagem privilegiada à interpretação dos textos da Revelação.

---

<sup>3</sup> Naquela ocasião, Cl. Boff já chamava a atenção para uma imprecisão no vocabulário dos teólogos da libertação latino-americanos, apesar de reconhecer na prática teológica deles uma correta articulação entre as duas perspectivas, responsáveis pela distinção entre “ponto de partida metodológico” e “ponto de partida real”. Na opinião de Cl. Boff, esta articulação seria corretamente expressa nos seguintes termos: “partir dos pobres partindo de Cristo”. Ultimamente, em seu artigo “Teologia da Libertação e volta ao fundamento” (publicado na *REB* em 2007, p. 1001-1022), Clodovis Boff usa termos fortes para caracterizar o que antes ele havia sutilmente chamado de “imprecisão do vocabulário”: ele fala, por exemplo, de “funesta ambigüidade”, “ambigüidade epistemológica”, “inversão do primado epistemológico”, “instrumentalização”, “inversão de base”. Sua posição tem suscitado um fecundo diálogo: SUSIN ; HAMMES, 2008, p. 260-276; AQUINO JUNIOR, 2008, p. 597-613; L. BOFF, 2008 e C. BOFF, 2008, p. 892-927.

Ademais, a necessidade da pré-compreensão não diz respeito somente à leitura dos textos das Escrituras sagradas, mas também à compreensão da realidade presente e à percepção da presença de Deus nela, com a conseqüente interpretação de seus desígnios. Portanto, não apenas os textos bíblicos necessitam ser lidos e interpretados segundo uma determinada perspectiva, mas também a própria realidade atual tem necessidade de uma pré-compreensão que lhe permita manifestar sua autêntica fisionomia, desvelando os reais interesses que lhe estão subjacentes.

Um terceiro elemento seria a necessidade de *ver* a concreta realidade social. Não basta só agir, nem somente esperar; faz-se necessária uma disponibilidade a *ver bem*. É necessário analisar criticamente a situação histórica atual; mas, para isso, além da utilização das ciências do social, torna-se imprescindível a decisão de *ver* segundo a perspectiva do pobre. Em traços firmes e claros, afirma Jon Sobrino: “Pré-compreensão significa, pois, para a teologia da libertação ver a realidade a partir dos pobres, disponibilidade a atuar sobre ela para mudá-la e a releitura dos textos da revelação a partir de ambas as coisas” (SOBRINO, 1992, p. 58).

A inserção no “mundo do pobre” e a assunção de sua perspectiva constituem ocasião propícia para o processo de “conversão” no ato mesmo de pensar e de refletir teologicamente. Sobrino alerta-nos quanto àquela específica *hybris* que acompanha o funcionamento de toda atividade intelectual. Em âmbito teológico, esta *hybris* se manifesta em múltiplos aspectos, em suas motivações e finalidades, sobretudo no que se refere ao modo de fazer teologia enquanto atividade especificamente intelectual. Seria este, de fato, o pecado primário denunciado por Paulo como *hybris* humana que se manifesta na tentativa de submeter a verdade aos interesses mesquinhos (cf. Rm 1, 18). A referência aqui não é propriamente aos limites inerentes a todo processo intelectual. A *hybris* humana se caracterizaria, antes, por uma particular instrumentalização da inteligência que, ao invés de libertar a verdade, procura submetê-la de maneira pecaminosa. Como

antídoto a esta *hybris*, Sobrino propõe uma atitude de “honestidade intelectual” face à realidade. É preciso, segundo ele, honrar a realidade pensando-a até suas últimas conseqüências, evitando assim toda espécie de indiferença e de cinismo intelectual e teológico face ao sofrimento dos pobres (SOBRINO, 1992, p. 65).

Gutiérrez, por sua vez, fala da experiência de “morte da inteligência dos inteligentes” como uma das condições indispensáveis para que o teólogo encontre o verdadeiro rumo e, por conseguinte, percorra o caminho certo e adequado para uma correta linguagem acerca de Deus. A admoestação paulina em 1 Cor 1,18-19, referindo-se à loucura da cruz, tem propriamente por alvo aniquilar a “sabedoria dos sábios” e a “inteligência dos inteligentes”, justamente daqueles que, via de regra, pensam a fé colocando-se na perspectiva dos “doutos e sábios” (Mt 11, 25), como condição para ter acesso à Revelação divina dirigida preferencialmente aos pobres (GUTIÉRREZ, 1982, p. 126).

### **1.3 “Nossa metodologia é nossa espiritualidade”**

Na raiz desta peculiar relação que a TdL estabelece com a práxis, tão intensa a ponto de produzir no ato mesmo de teologizar uma perspectiva própria, encontra-se, em última análise, uma autêntica experiência espiritual, pois como escreve Gutiérrez:

A firmeza e o alento de uma reflexão teológica estão precisamente na experiência espiritual que a respalda. Esta vivência é antes de tudo um encontro profundo com o Senhor e sua vontade. O discurso sobre a fé parte de, e se orienta para, a vida cristã da comunidade. Uma reflexão que não ajude a viver segundo o Espírito não é uma teologia cristã. Definitivamente, toda autêntica teologia é uma teologia espiritual. Isto não enerva seu caráter rigoroso e científico. Situa-o” (GUTIÉRREZ, 1993, p. 52).

A experiência do encontro com Cristo no pobre concebida como síntese da relação circular entre contemplação de Deus e prática de sua vontade, constitui “ato primeiro” com respeito ao “ato segundo”, a teologia. Entre primeiro e segundo atos vigora também uma relação dialética. Em particular, o binômio silêncio/palavra se

apresenta aqui como o mais sugestivo e apto para ilustrar a relação que se dá entre vida de fé e teologia. Através deste binômio estabelece-se a distinção entre “ato primeiro” e “ato segundo” com base na própria constituição da teologia que, estando à etimologia da palavra grega *logos*, seria “razão” e “palavra”.

Na base desta identificação encontram-se duas motivações. A primeira é que contemplação e prática, ambas, pressupõem uma atitude de admiração e reverência por parte de quem experimenta em profundidade o que significa ver a partir de Deus ou mesmo viver em sua presença. Já a segunda motivação é de caráter gnosiológico. Gutiérrez observa que em determinadas situações, as palavras se revelam insuficientes porque incapazes de comunicar experiências ou sentimentos mais profundos. O silêncio se revelaria, em contrapartida, como lugar de encontro amoroso com Deus e como expressão de uma profundidade capaz de penetrar nas dimensões inefáveis do seu mistério: “A mediação do silêncio, da contemplação e da prática, é necessária para pensar a Deus, para fazer teologia. Esta será um falar enriquecido por um calar. Por sua vez, esse falar refletido alimentará e dará novas dimensões ao silêncio da contemplação e da prática” (GUTIÉRREZ, 1988, p. 18).

A distinção entre “ato primeiro” e “ato segundo”, entre vida de fé e discurso teológico, diz respeito não apenas ao âmbito da metodologia teológica, posto não se tratar de uma questão meramente acadêmica. Ela se refere primariamente a um estilo de vida caracterizado pelo seguimento de Jesus, por uma maneira de viver a fé segundo as interpelações do Deus bíblico. O vínculo estreito entre espiritualidade e metodologia teológica se encontra, portanto, na base da constituição da TdL latino-americana enquanto tal, pois como afirma Gutiérrez: “A rota para ser cristão é o fundamento da direção que se toma para fazer teologia. Por isso se pode dizer que *nossa metodologia é nossa espiritualidade* (isto é, uma maneira de ser cristão)” (GUTIÉRREZ, 1990, p. 18).

Compreendidos assim, os três elementos que caracterizam a originalidade metodológica e epistemológica da TdL latino-americana estabelecem entre si uma relação de virtuosa circularidade. Em última instância, é essa autêntica experiência espiritual do encontro do Cristo no rosto desfigurado do pobre que desencadeia todo o processo marcado por nova relação para com a práxis e, por conseguinte, da assunção da perspectiva do pobre como pré-compreensão de seu fazer teológico. É verdade também que essa experiência espiritual será, por sua vez, reforçada pela posta em prática dos elementos anteriores. Trata-se de um processo contínuo: de um autêntico círculo virtuoso.

## **2 Teologia que se propõe como *theologia crucis***

Com base no que foi dito acima, gostaríamos de ressaltar o diferencial metodológico da TdL: a transferência dos conteúdos da teologia para a própria condição de possibilidade de se fazer teologia cristã. Este princípio metodológico de base se verifica no caso específico da cruz de Jesus Cristo, tema central e, por isso mesmo, muito recorrente na produção teológica dos teólogos da libertação. A TdL não apenas reflete sobre a cruz nos âmbitos específicos da estaurologia e da cristologia. Ela mesma se apresenta como uma autêntica *theologia crucis* (LÖWENICH, 1975; GHERARDINI, 1978). Isto significa que a cruz é concebida como horizonte hermenêutico para a constituição da TdL enquanto tal e ainda como critério formal essencial para a autocrítica atinente a seu modo específico de desempenhar a própria tarefa.

Por essa razão, a TdL latino-americana revela-se como uma específica “teologia da cruz”, uma vez que ela tem dado um destaque especial à reflexão sobre a *theologia crucis* desenvolvida no âmbito da teologia contemporânea, oferecendo uma contribuição original, embora na sua inspiração fiel à grande tradição (BRETON, 1990, p. 32-46). Este destaque especial ela deu ao considerar a cruz de Jesus em sua tríplice valência: de evento histórico e político com sentido crítico e libertador, de chave gnosiológica para o conhecimento do Deus de Jesus Cristo e,

enfim, de elemento a integrar no próprio processo de elaboração teológica (LOIS, 1986, p. 53-70; LOIS, 1998, p. 41-52).

Essa é a principal razão pela qual no bojo da TdL latino-americana, a cruz assume a tríplice valência: eixo gnosiológico, princípio epistemológico e critério formal (TAVARES, 2002, p. 188-191).

## **2.1 A cruz como “eixo gnosiológico” da TdL**

Antes mesmo de discorrer acerca da cruz, a TdL latino-americana é ela mesma uma “teologia crucificada”, posto que é elaborada a partir dos pobres, nos quais ela contempla o rosto desfigurado de Jesus crucificado. Ela compreende a si própria, portanto, como discurso elaborado na perspectiva daqueles que vivem “sob a cruz”, dos “povos crucificados”, concebendo-os como seu lugar hermenêutico privilegiado. A TdL, portanto, se tece ao redor da experiência do seguimento de Jesus, assumindo concretamente a inserção no “mundo do pobre” como expressão de solidariedade efetiva com a vida e o projeto histórico de libertação/salvação de seu mestre. Na origem do seguimento de Jesus se encontra a singular experiência espiritual da contemplação do Deus de Jesus Cristo no coração mesmo da história e, de modo particular, no encontro com Jesus na pessoa do pobre. Este momento fontal e constitutivo da TdL latino-americana, por seus teólogos chamado de “ruptura existencial e epistemológica”, poderia ser definido como um verdadeiro e próprio abraçar a cruz de Jesus na cruz atual dos “povos crucificados”.

## **2.2 A cruz como “princípio epistemológico” da TdL**

A TdL latino-americana está marcada em sua estrutura epistemológica pela cruz de Jesus Cristo, sobretudo no que diz respeito à relação fundante que ela

estabelece com a Revelação. Consciente de ser “linguagem acerca do Deus de Jesus Cristo”, ela assume a Revelação como condição de possibilidade da própria existência e se constitui, portanto, como reflexão metodologicamente fundada sobre a Revelação de Deus como Mistério de amor, testemunhado de modo inequívoco pela “história de Jesus Crucificado”. O Mistério pascal de Cristo constitui, com efeito, o cume e a forma do cumprimento da Revelação histórica de Deus.

Por essa razão, a cruz se torna princípio epistemológico da Revelação de Deus no diferente de si, na alteridade mais radical com respeito a si mesmo e, portanto, princípio epistemológico de toda possível palavra humana acerca de Deus. A cruz é, assim, expressão da fidelidade extrema de Jesus ao Pai e à missão dele recebida de anunciar o advento do seu Reino como boa-nova aos pobres, como expressão da gratuidade de seu amor. Além disso, morrendo na cruz Jesus se faz solidário com os últimos da história, com os deserdados, com todos os marginalizados e todos aqueles que vivem em situações de desumanidade e exclusão. Jesus crucificado, na solidariedade mais radical com a não pessoa, revela o Pai na sua alteridade mais absoluta. Neste sentido, a cruz leva, então, às suas extremas conseqüências a decisão divina de revelar-se no outro, no diferente de Si, pois é a expressão mais cabal da predileção de Deus pelos últimos. Na qualidade de princípio epistemológico, então, a cruz evidencia o aspecto essencial da Revelação cristã, pelo qual é na história singular do Crucificado que acontece a Revelação mais plena do Deus de Jesus Cristo: comunhão plena entre Pai e Filho e Espírito Santo.

### **2.3 A cruz como “critério formal” da TdL**

Justamente por ser cume e forma do cumprimento da Revelação, a cruz de Jesus assume um papel insubstituível no estatuto epistemológico da TdL latino-americana também ao determinar a própria formalidade, como esforço humano voltado para o conhecimento de Deus. Assim, A TdL assume uma atitude de

reverência face ao Mistério de Deus, que considera infinitamente maior que qualquer outra realidade e que tudo envolve. Além disso, ela está consciente da necessidade da crucifixão, quer da razão quer da linguagem, como condição indispensável para a elaboração do próprio discurso acerca de Deus. Enfim, consciente dos limites e dos condicionamentos ideológicos de todo discurso humano, também do teológico, a TdL latino-americana se faz particularmente vigilante quanto a qualquer forma de manifestação da *hybris* humana como tentativa de submeter a verdade à injustiça (*Romanos* 1, 18), apresentando-se como autêntica “teologia autocrucificante”.

Concebendo-se como “ato segundo” com relação à vida de fé, a TdL latino-americana pretende, portanto, elaborar um discurso acerca de Deus que provenha da experiência e a ela esteja continuamente referida. Com um pensamento e uma linguagem “crucificados” capazes de acolher o Mistério de Deus, ela, justamente porque fundada sobre a contemplação de Deus revelado como Amor no seu Filho Crucificado e sobre a vivência daquela “fé que opera pela caridade” (*Gálatas* 5, 6), compreende-se a si mesma como *intellectus amoris*. A TdL latino-americana pretende ser um conhecimento de amor mediante o qual ela se deixa configurar pelo Deus de Jesus Cristo, tornando então possível uma experiência de fé sempre mais inspirada e propriamente conforme à vontade desse mesmo Deus.

### **3 Teologia que testemunha a circularidade virtuosa entre local e global**

Desde seus inícios, a TdL latino-americana tem proposto uma peculiar relação entre local e global. E com isso ela tem recolocado, de forma atualizada, uma das clássicas questões do pensamento ocidental: a relação entre o particular e o universal.

A TdL latino-americana inaugura, portanto, uma nova relação para com a práxis no sentido de não considerá-la apenas uma espécie de laboratório onde

testar a pertinência ou eficácia do próprio discurso. Se assim fosse, ela se conceberia como uma teoria geral a ser aplicada a realidades particulares. Teoria geral que, na melhor das hipóteses, acolheria as deficiências e eventuais incongruências resultantes da tentativa de aplicação a contextos particulares. A TdL se constitui como tal mediante o exercício, não do clássico método dedutivo, mas do método indutivo. Este consiste em construir o discurso a partir das demandas postas pela práxis e de se manter em contínua vigilância para que este não se desvincule da práxis, mas que lhe seja continuamente referido. Em consonância com o método indutivo, a práxis constitui o referencial permanente em todo o processo de constituição do próprio pensar.

Isso posto, a TdL tem consciência de se construir a partir de um determinado lugar que é, para todos os efeitos, particular. E a partir desta particularidade que lhe é constitutiva, ela se abre à complexidade da realidade histórica e à universalidade da temática teológica contemporânea.

### **3.1 Reciprocidade entre “teologia da libertação” e “libertação da teologia”**

No que se refere à relação existente entre “teologia” e “libertação”, relação pressuposta na formulação “teologia da libertação”, é necessário, antes de tudo, ter presente a reivindicação feita desde o início e expressa por L. Boff nos seguintes termos:

A teologia da libertação e do cativo, tal como se articula na América Latina, não quer ser uma teologia de compartimentos e de genitivos como a teologia do pecado, da revolução, da secularização, da vida religiosa, isto é, um termo entre outros da teologia. Quer apresentar-se, ao contrário, como uma maneira global de articular praxicamente na Igreja a tarefa da inteligência de fé. É um modo diferente de fazer e pensar em teologia (BOFF, 1975, 853).

Este esclarecimento se faz necessário porque, na formulação “teologia da libertação”, somos, de fato, postos diante de um genitivo gramatical. Como a maior parte das teologias que até aquele momento tinham usado o genitivo, o tinham

feito para designar sua concentração analítica sobre um determinado tema ou setor do âmbito teológico, este esclarecimento se faz imprescindível para atalhar eventuais ambiguidades. Juan Luis Segundo introduz uma distinção esclarecedora quanto à especificidade da reivindicação da TdL (SEGUNDO, 1992, 373-391). Parte ele da constatação que essa teologia é apresentada servindo-se, geralmente, de dois genitivos: ela é chamada ora “teologia *da* libertação” e ora “teologia *da* América Latina”. O jesuíta uruguaio recorda que nenhum dos dois pode ser entendido como genitivo temático. No primeiro caso o genitivo tem o sentido de “uma ênfase posta em um termo-chave, a partir do qual se procura abrir a totalidade da teologia a horizontes hermeneuticamente ricos, mas ainda insuficientemente tratados ou desenvolvidos” (SEGUNDO, 1992, p. 374).

No segundo caso, a especificação de uma região ou área geográfica a partir da qual é elaborada a reflexão teológica não se deve confundir com a delimitação do âmbito temático sobre o qual se vai refletir. Enquanto nas assim chamadas “teologias do genitivo” o genitivo tem um sentido objetivo, visto que se emprega uma espécie de leitura parcial da temática teológica, na “teologia *da* América Latina” o genitivo é assumido no seu valor subjetivo, querendo-se fazer referência a um grupo de sujeitos particulares que refletem, ao invés, sobre uma temática teológica universal e procuram, portanto, compreender *toda* a fé, como, aliás, se explicita naquela que, desde o primeiro momento, foi a definição da TdL.

Foi ainda J.L. Segundo quem salientou, desde o início, uma necessidade básica para a TdL: por em movimento o círculo hermenêutico entre “libertação da teologia” e “teologia da libertação”. Trata-se de um processo recíproco e, por isso mesmo, simultâneo. Esta seria, em sua opinião, condição imprescindível para libertar a teologia clássica das amarras de sua falsa consciência universal. Explorar a autonomia relativa e a constitutiva mutualidade entre “libertação da teologia” e “teologia da libertação” seria *conditio sine qua non* para o exercício de uma autêntica Teologia da Libertação (SEGUNDO, 1975).

### 3.2 A TdL como um caso de “teologia *glocal*”<sup>4</sup>

A TdL latino-americana apresenta-se, portanto, como uma teologia *glocal*: global e local ao mesmo tempo. Ela é global porque assume a pretensão de abranger a totalidade dos argumentos e da temática teológica. Por isso a TdL se apresenta, com toda a propriedade, como “teologia da libertação”. Todavia, ela não se detém em uma visão genérica ou abstrata da fé. No cumprimento de sua incumbência fundamental, que é a de desdobrar o sentido histórico-libertador do Evangelho, a TdL dá passos decisivos que vão do geral ao particular. Em outras palavras, a TdL elabora toda a teologia em termos específicos, ou seja, liberadores, desenvolvendo, portanto, uma ótica particular no contexto da ótica mais global da fé. Ela enriquece, portanto, toda a teologia com outros termos profundamente ligados ao binômio opressão/libertação. Mas a TdL também dá passos concretos que vão do particular ao universal. É, portanto, a partir de sua particularidade que a TdL se insere de maneira orgânica e ativa no cenário da teologia universal. Por esta específica razão, a TdL se apresenta, com toda legitimidade, como “teologia da libertação”. Sua contribuição na abordagem da totalidade da fé é sua perspectiva; todavia, o objeto da TdL é também a totalidade da fé, na medida em que intervém para lhe salientar o sentido libertador. Em síntese: A TdL é *materialmente* global e *formalmente* particular.

Em seus quarenta anos de existência, a TdL latino-americana tem testemunhado uma circularidade virtuosa: particularização-universalização-particularização. De discurso regionalizado, a princípio, ela foi se expandindo como discurso global e, ao mesmo tempo, se consolidando como uma teologia particular e, portanto, legítima no conserto do universo teológico plural. O período de tempo compreendido entre 1972 e 1979 se caracterizou por alguns eventos significativos no que diz respeito a esse processo descrito como “particularização-

<sup>4</sup> O termo *glocal* constitui um neologismo forjado por alguns estudiosos que tem se debruçado sobre o complexo fenômeno da Globalização. Estes autores distinguem “globalização” de “globalismo”. Este último termo exprimiria a hegemonia da expansão do Mercado neoliberal com a conseqüente supressão das diferenças regionais e locais. Globalização, ao contrário, seria aquele processo de articulação entre o local e o global, mediante a recomposição, não supressão, das diferenças e a superação das desigualdades. Neste particular contexto, com vistas a salientar a articulação reciprocamente fecunda entre local e global, criou-se o termo *glocal* (BECK, 1999; GARCIA CANCLINI, 2007a, 2007b, 2008).

universalização” da TdL. Trata-se de um verdadeiro processo de “expansão e de consolidação” da TdL. Houve um ciclo de cinco encontros teológicos em diversos níveis. O primeiro se deu em El Escorial (Madri), de 8 a 15 de julho de 1972. Participaram sociólogos e teólogos latino-americanos e alguns teólogos europeus, quase todos espanhóis, e caracterizou-se por uma partilha sobre o sentido e sobre o método da incipiente TdL. De 11 a 15 de agosto de 1975 celebrou-se, na cidade do México, um Encontro latino-americano dos teólogos da libertação para discutir a questão do método da TdL. Na semana seguinte, de 18 a 24 de agosto, teve lugar em Detroit, EUA, um Encontro interamericano em que pela primeira vez os teólogos da libertação latino-americanos entravam em contato com representantes de outras teologias da libertação, como por exemplo, a teologia negra e a teologia feminista. A partir de então, começa-se a falar no plural de “teologias da libertação”. Em 1976, em Dar-es-Salaam (Tanzânia), de 5 a 12 de agosto, se realizou um histórico encontro os principais representantes da teologia na Ásia, África e América Latina, durante um congresso intercontinental que marcou também a criação da “Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo”. Enfim, a convocação e a sucessiva fase de preparação da III Conferência Episcopal latino-americana de Puebla, no período compreendido entre o fim de 1976 e o começo de 1979, despertaram intenso e fecundo labor teológico e ao mesmo tempo estimularam o processo de crescimento e de ulterior amadurecimento da TdL (LIBANIO, 1992, p. 148-150).

Suas intuições básicas e sua metodologia específica foram sendo aos poucos incorporadas por outras teologias e pelo próprio Magistério; simultaneamente suas raízes foram se aprofundando nos terrenos específicos das minorias pobres e oprimidas do continente latino-americano e de outras latitudes (LIBANIO, 1987). Trata-se de uma expansão e consolidação mediante um processo que poderíamos chamar de “desdobramento de paradigma”. Um exemplo claro dessa atitude se observa na sensibilidade crescente de seus principais representantes com relação às questões relacionadas ao âmbito da cultura. Neste particular, a TdL colheu a ocasião das celebrações em torno dos 500 anos de evangelização do continente

para prestar mais atenção aos desafios e questões provenientes sobretudo das culturas marginalizadas presentes e atuantes na formação das culturas latino-americanas e caribenhas: a cultura dos povos indígenas autóctones, a cultura afro-americana e a cultura da mulher, vítima da opressão machista. Neste sentido, a proposta de inculturar o Evangelho nas diversas culturas presentes no continente surgiu como alternativa à proposta de se criar uma cultura cristã para fazer frente à cultura moderna secular (AZEVEDO, 1985; SUESS, 1992, p. 377-422; MARZAL, 1989; BOFF, 1990 e 1992; FRANÇA MIRANDA, 2001). Recentemente, tem-se forjado outros termos para se referir à complexa relação envolvendo evangelho e culturas: “diálogo intercultural” ou “interculturalidade” (BRUNELLI; TAVARES, 2010).

Outra questão recorrente é a preocupação de indagar acerca das recíprocas relações entre teologia e economia. O aprofundamento dessa relação propicia a emergência da categoria do “excluído” como ulterior enriquecimento da concepção do “pobre” em geral. Fazendo uma leitura teológica da economia de mercado, estes autores denunciam seu caráter intrinsecamente idolátrico (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989; SUNG, 1989, 1992 e 1994; ASSMANN, 1990, 1991 e 1994).

Ainda no bojo desse processo de desdobramento de paradigmas situa-se a crescente sensibilidade para com a relação existente entre a libertação do pobre e excluído e a questão ecológica. Nesse contexto, insere-se o esforço de articular o grito do pobre com o grito da Terra, situando as questões provenientes da situação ingente de opressão e miséria dos povos empobrecidos no contexto maior da questão da preservação do planeta e do conjunto de suas criaturas<sup>5</sup>.

Duas outras questões têm sido explicitadas e aprofundadas sempre mais no âmbito da TdL: o gênero em teologia (BRUNELLI, 2000; WEILER, 2000; ARAÚJO, 2000; TOMITA, 2000; IRARRAZAVAL, 2000) e o diálogo inter-religioso

---

<sup>5</sup> O pioneiro nesta abordagem e aquele que mais tem se interessado pela mesma é Leonardo Boff. Sua produção acerca desta temática é extensa. Por essa razão, limitamo-nos aqui a citar apenas algumas entre suas principais publicações: BOFF, 1993; 1995, p. 753-764; 1996, p. 75-88; 2000, p. 189-207. Remetemos o leitor ainda a TAVARES, 2007 e 2010.

(IRARRAZAVAL, 2000; ALTMANN, 2000; TEIXEIRA, 2000; ASETT, 2003; VIGIL, 2007).

Mais recentemente, através da realização do “Fórum Mundial de Teologia e Libertação”, inserido no contexto maior do Fórum Social Mundial, pôde-se perceber a peculiar vitalidade da TdL enquanto presença rizomática no seio das várias expressões do movimento social e popular do inteiro planeta: o primeiro se deu em Porto Alegre (SUSIN, 2006), o segundo em Nairobi (BRIGHENTI, 2007, p. 340-359), o terceiro em Belém (SUSIN; SANTOS, 2011) e o último em Túnis.

## Conclusão

Como um afluente que leva ao rio principal suas águas, a TdL latino-americana continua oferecendo sua contribuição específica à teologia cristã global. Entretanto, mesmo incorporada de maneira orgânica à teologia global, a TdL mantém sua peculiaridade epistemológica e temática, inserindo-se ativamente no processo de um legítimo pluralismo teológico. Sua maneira peculiar de se inserir na harmoniosa sinfonia da teologia cristã é manter viva a imprescindibilidade de se resgatar a dimensão sócio-libertadora da fé, cujos protagonistas são, sobretudo, os pobres e os excluídos.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo na América Latina. In: SUSIN, Luis Carlos (org.). **Sarça ardente. Teologia na América Latina: perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 391-414.

AQUINO JÚNIOR, Francisco. Clodovis Boff e o método da TdL. Uma aproximação crítica. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 68, n. 271, p. 597-613, 2008.

ARAÚJO, Claudete Ribeiro de. Desafios e perspectivas à produção teológica a partir da contribuição das teologias feministas. In: SUSIN, Luis Carlos (org.). **Sarça ardente. Teologia na América Latina: Perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 238-248.

ASETT (Org.). **Pelos muitos caminhos de Deus.** Desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Editora Rede, 2003.

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz. **A idolatria do Mercado.** Ensaio sobre economia e teologia. São Paulo: Paulinas, 1989.

ASSMANN, Hugo. **Clamor dos pobres e “racionalidade” econômica.** São Paulo: Paulinas, 1990.

ASSMANN, Hugo. **Crítica à lógica da exclusão.** Ensaio sobre economia e teologia. São Paulo: Paulinas, 1994.

ASSMANN, Hugo. **Desafios e falácias:** Ensaio sobre a conjuntura atual. São Paulo: Paulinas 1991.

AZEVEDO, Marcelo Carvalho. **Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé.** São Paulo: Loyola, 1985.

BECK, Ulrich. **O que é Globalização?** Equívocos do Globalismo. Respostas à Globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BOFF, Clodovis. **Teologia e Prática.** Teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Clodovis. Retrato de 15 anos da Teologia da Libertação. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 46, n. 182, p. 263-271, 1986.

BOFF, Clodovis. Teologia da Libertação e volta ao fundamento. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 67, n. 268, p. 1001-1022, 2007.

BOFF, Clodovis. Volta ao fundamento: réplica. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 68, n. 272, p. 892-927, 2008.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, espiritualidade, mundialização.** São Paulo: Editora Ática 1993.

BOFF, Leonardo. Que é fazer teologia partindo de uma América Latina em cativeiro? **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 35, n. 140, p. 853-879, 1975.

BOFF, Leonardo. A Teologia da Libertação: recepção criativa do Vaticano II a partir da ótica dos pobres. In: BOFF, Leonardo. **Do lugar do pobre.** Petrópolis: Vozes, 1984. p. 13-43.

BOFF, Leonardo. **Nova Evangelização.** Perspectiva dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1990.

BOFF, Leonardo. **Ecologia:** Grito da Terra, Grito dos pobres. São Paulo: Editora Ática, 1995a.

BOFF, Leonardo. Teologia da libertação e ecologia: alternativa, confronto ou complementaridade? **Concilium**, Petrópolis, v. 31, n. 261, p. 753-764, 1995b.

BOFF, Leonardo. Da libertação e ecologia: desdobramento de um mesmo paradigma. In: ANJOS, Marcio Fabri dos (org.). **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 75-88.

BOFF, Leonardo. O pobre, a nova cosmologia e a libertação – como enriquecer a Teologia da Libertação. In: SUSIN, Luis Carlos (org.). **Sarça ardente**. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 189-207.

BOFF, Leonardo, Pelos pobres contra a estreiteza do método. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 68, n. 271, p. 892-927, 2008.

BRETON, Stanislas. Per una piccola storia della teologia della Croce. III. La teologia della Croce (riflessione dottrinale), **Staurós**, Roma, v. 16, p. 32-46, 1990.

BRIGHENTI, Agenor. Gritos da África. A propósito do II Fórum Mundial de Teologia e Libertação. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 67, n. 266, p. 340-359, 2007.

BRUNELLI, Delir; TAVARES, Sinivaldo Silva. **Evangelização e Interculturalidade**. Petrópolis: Vozes, ITF, 2010.

BRUNELLI, Delir. Teologia e gênero. In: SUSIN, Luis Carlos (org.). **Sarça ardente**. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Soter; Paulinas, 2000. p. 209-221.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007a.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **A Globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007b.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

GHERARDINI, Brunero. **Theologia crucis**. L'eredità di Lutero nell'evoluzione teologica della Riforma. Roma: Paoline, 1978.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia de la liberación**: Perspectivas. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1971.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **La fuerza histórica de los pobres**. Salamanca: Sígueme, 1982.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Non possiamo fare teologia in un'angolo morto della storia, In: GIBELLINI, Rosino. **Il dibattito sulla teologia della liberazione**. Brescia: Queriniana, 1986. p. 125-126.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente**: Una reflexión sobre el libro de Job. Salamanca: Sígueme, 1988.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Lyon: Debate de la tesis de Gustavo Gutiérrez. In: GUTIÉRREZ, Gustavo. **La verdad os hará libres**. Salamanca, Sígueme, 1990. p. 12-68.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber en su propio pozo en el itinerário espiritual de un pueblo**. Salamanca: Sígueme, 1993.

IRARRAZAVAL, Diego. Religiões do povo e sua Teologia. In: SUSIN, Luis Carlos (org.). **Sarça ardente**. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 377-389.

IRARRAZAVAL, Diego. Visão/Ação de gênero. In: SUSIN, Luis Carlos (Org.). **Sarça ardente**. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 261-264.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da Libertação**: Roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987.

LIBANIO, João Batista. Panorama da Teologia da América Latina nos últimos vinte anos. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 24, n. 63, p. 147-192, 1992.

LÖWENICH, Walter von. **Theologia crucis**: Visione teologica di Lutero in una prospettiva ecumênica. Bologna, 1975.

LOIS, Julio. Opción por los pobres y Teología de la Cruz. **Misión Abierta**, Madrid, v. 79, p. 53-70, 1986.

LOIS, Julio. La Cruz de Jesús y la Teología de la Liberación. **Staurós**, Madrid, v. 24, p. 41-52, 1998.

MARZAL, Manuel (org.). **O Rosto índio de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MIRANDA, Mario de França. **Inculturação da fé**. Uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001.

SCANNONE, Juan Carlos. Fare teologia in America Latina. Il problema del metodo. **Sial 20**, [s.l.]. Speciale Sial, I° fascicolo: Teologia in America Latina. Storia, attualità e prospettive I, n. 6 (suplemento), p. 21-28, 1997.

SEGUNDO, Juan Luis. **Liberación de la teología**. Buenos Aires: Ed. Carlos Lohré, 1975.

SEGUNDO, Juan Luis. Libertad y liberación. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon (Org.). **Mysterium Liberationis**. Conceptos Fundamentales de la Teología de la Liberación I. Madrid: Editorial Trotta, 1992. p. 373-391.

SOBRINO, Jon. El conocimiento teológico en la teología europea y latinoamericana. In: MALDONADO, Enrique R. (Org.). **Liberación y cautiverio: Debates en torno al método de la Teología em América Latina**. Ciudad de México: Encuentro Latino Americano de Teología, 1976. p. 177-208.

SOBRINO, Jon. Hacer teología em América Latina. **Theologica Xaveriana**, Bogotá, v. 39, p. 139-156, 1989.

SOBRINO, Jon. Teología em um mundo sufriente. La teología de la liberación como “intellectus amoris”. In: SOBRINO, Jon. **El principio misericórdia: Bajar de la cruz a los pueblos crucificados**. Santander: Sígueme, 1992. p. 83-95.

SOBRINO, Jon. De una teología solo de la liberación a una teología del martirio. In: COMBLIN, Joseph; GONZÁLEZ-FAUS, José Ignacio; SOBRINO, Jon (Orgs.). **Cambio social y pensamiento Cristiano em América Latina**. Madrid: Editorial Trotta, 1993. p. 101-102.

SOBRINO, Jon. La fe em el Dios crucificado. Reflexiones desde El Salvador. **Revista Latinoamericana de Teología**, San Salvador, v. 11, p. 49-75, 1994.

SUESS, Paulo. Inculturación. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon (Org.). **Mysterium Liberationis**. Conceptos Fundamentales de la Teología de la Liberación II. Madrid: Editorial Trotta, 1992. p. 377-422.

SUNG, Jung Mo. **Idolatria do capital e a morte dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 1989.

SUNG, Jung Mo. **Deus numa economia sem coração**. Pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização. São Paulo: Paulinas, 1992.

SUNG, Jung Mo. **Teologia & economia**. Repensando a teologia da libertação e utopias. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUSIN, Luis Carlos (Org.). **Teologia para outro mundo possível**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SUSIN, Luis Carlos; HAMMES, Érico João. A Teologia da Libertação e a questão de seus fundamentos: em debate com Clodovis Boff. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 68, n. 270, p. 260-276, 2008.

SUSIN, Luis Carlos; SANTOS, Joe Marçal dos. **Nosso Planeta. Nossa Vida**. Ecologia e Teologia. São Paulo: Paulinas, 2011.

TAVARES, Sinivaldo Silva. **A Cruz de Jesus e o sofrimento no mundo: A contribuição da Teologia da Libertação latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAVARES, Sinivaldo Silva. Medellín: uma criativa “recepção” do Concílio. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 68, n. 269, p. 40-51, 2008.

TAVARES, Sinivaldo Silva. **Trindade e Criação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

TAVARES, Sinivaldo Silva. **Teologia da Criação: Outro olhar – novas relações**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TEIXEIRA, Faustino. A interpretação do diálogo inter-religioso para a Teologia. In: SUSIN, Luis Carlos (org.). **Sarça ardente**. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 415-449.

TOMITA, Luiza Etsuko. Teologia feminista da libertação: um caminho latino-americano. In: SUSIN, Luis Carlos (org.). **Sarça ardente**. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 248-260.

VIGIL, José Maria. **Teologia do pluralismo religioso**: para uma leitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2007.

WEILER, Lucia. Chaves hermenêuticas para uma releitura da Bíblia em perspectiva feminista e de gênero. In: SUSIN, Luis Carlos (org.). **Sarça ardente**. Teologia na América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 222-238.